A revolta dos árabes na Palestina

GIC

Versão escaneada:
http://aaap.be/Pdf/R%C3%A4tekorrespondenz/R%C3%A4tekorrespondenz-1936-20.pdf
Versão transcrita:
https://leftdis.wordpress.com/2020/12/14/the-arabs-uprising-in-palestine-1935/?fbclid=IwAR3AY6joU34MFwGl60u66Tu51X4pMmiaERkrpkUoWSsrm0nCfQWtp8LH3Sw

Rebeldes palestinos da área de Haifa e das colinas ao redor de Jenin posando com seu comandante, Abd al-Qadir Yusuf Abd al-Hadi. Um rebelde está carregando uma bandeira palestina com um crescente e uma cruz estampados nela (Fonte: *Wikimedia*)

O que aconteceu na Palestina confirma novamente o que o Manifesto Comunista diz sobre o papel revolucionário do modo de produção capitalista. Na Palestina, também, uma produção feudal atrasada está sendo substituída pela capitalista, e isso está ocorrendo em sua forma moderna atual, equipada com meios de trabalho e transporte, com métodos de produção e organização que atendem aos mais altos padrões. A repressão aos métodos e costumes antigos e tradicionais é ainda mais cruel. O resultado é a revolta e a resistência da população.

A Palestina, que pertencia ao antigo Império Turco até o final da Guerra Mundial, foi então transformada em um mandato da Inglaterra. A partir de então, os judeus começaram a se estabelecer no país. Embora já houvesse assentamentos isolados de judeus antes dessa época, isso só aconteceu em maior escala quando o novo mandato inglês conseguiu garantir a segurança deles. Desde então, a agitação e a resistência dos árabes contra o avanço dos assentamentos judaicos remontam a essa época. O último grande movimento, que começou com a greve geral e o boicote aos judeus e se transformou em uma luta armada, foi apenas um novo elo na cadeia de lutas anteriores, mas superou em muito as lutas anteriores em termos de expansão e intensidade. A luta foi dirigida não apenas contra os judeus, mas também contra o domínio inglês; a Palestina era um país em revolta, e essa situação durou meses.

Essa insurreição, assim como todas as tentativas anteriores de resistência, foi suprimida pelo poder armado da Inglaterra, e a penetração capitalista no país, com ou sem revoltas, continuará. Até agora, todas as conquistas capitalistas em países coloniais ou semicoloniais mostraram esse quadro. O que há de especial na situação da Palestina é que o governo inglês não é, ele próprio, um conquistador capitalista, mas aparece como protetor dos dois interesses opostos, judeus e árabes. Isso, é claro, não altera o fato de que a conquista capitalista do país continua a avançar; na verdade, é precisamente a tarefa do governo inglês garantir que ela seja realizada "de forma ordenada". Mas ele tem interesse em garantir que nenhum dos dois grupos oponentes ganhe autonomia suficiente para escapar do domínio inglês.

Essa característica também lança luz sobre as circunstâncias das próprias vítimas. Por mais atrasadas que sejam as condições sociais e de produção entre os árabes, já existe uma classe dominante que, como nos países capitalistas, se organizou em partidos e usa todos os meios modernos de propaganda e influência sobre a opinião pública para manter seu domínio, bem como contra os poderes capitalistas invasores dos judeus. Esses árabes organizaram partidos, publicaram revistas e jornais, não apenas na Palestina, mas também em outros países árabes e até mesmo em Londres.

Isso sugere que a antiga classe dominante desse país, com relações de produção feudais e atrasadas e a manutenção de seu poder, já mudou para métodos capitalistas. Isso é confirmado pelos dados sobre as condições econômicas da produção árabe. Sob o

regime turco, grande parte das terras habitadas por fellahs e beduínos (camponeses árabes) foi declarada propriedade dos Effendis (grandes proprietários de terras), seja por meio de fraude ou violência. Esse é o início da conhecida "acumulação original". Isso foi continuado com meios "ordenados" e menos desonestos. Os métodos de trabalho primitivos dos Fellah e a condição ruim do solo significavam que a produção da terra dificilmente era suficiente para sustentar o fazendeiro e sua família. Naturalmente, um está mais próximo do outro. Se nada for deixado para venda a fim de recuperar ferramentas melhores - e o que mais for necessário para o aprimoramento da lavoura - então um rendimento maior só poderá ser obtido por meio de uma lavoura extensiva. Em outras palavras, o Fellach precisa cultivar mais terras para sobreviver. Os Effendis têm o suficiente para arrendar, mas exigem um terço, muitas vezes até mais, do rendimento. O Fellah é, portanto, incentivado a trabalhar mais, mas isso não o ajuda muito, porque seu dia de trabalho também tem um limite natural, e os Effendi o retiram como aluguel, o que poderia ajudá-lo a sair de sua situação difícil. Dessa forma, ele fica cada vez mais endividado com o Effendi, e uma das frequentes quebras de safra lhe dá o empurrão final. Suas terras passam para a propriedade do Effendi; ele agora trabalha inteiramente como fazendeiro arrendatário e precisa abrir mão de um terço ou até mais de toda a sua colheita.

Como resultado, houve uma grande concentração de propriedade de terras, que ainda prevalece hoje, e certamente não diminuiu com a imigração judaica. Alguns números da época logo após a guerra nos mostram o tamanho das propriedades dos Effendis. Eram elas:

11	Grandes proprietários de terras, cada um com mais de	100.000 Dunam	(9000 ha)
9	Grandes proprietários de terras, cada um com mais de	30.000 Dunam	(2700 ha)
120	Grandes proprietários de terras, cada um com mais de	10.000 Dunam	(900 ha)

Os Effendis possuíam cerca de três milhões de dunam (2700 quilômetros quadrados), ou seja, um sétimo da superfície da Palestina ou a maior parte da área cultivada.

O poder da classe dominante entre os árabes baseia-se nessa dependência e subjugação dos camponeses; ela lutará com todos os meios contra a libertação da população rural de sua condição. E, por essa razão, eles estão se voltando contra a imigração judaica, que cria oportunidades ao revolucionar os antigos métodos de produção. Os escritos judaicos sobre a Palestina estão repletos desse lado do trabalho de colonização no local. Descrevendo a economia primitiva dos Fellah, eles nos deixam ver o estado miserável da aldeia Fellah e de seus habitantes; eles se referem com orgulho às aldeias Fellah na vizinhança da colônia judaica, onde, com a ajuda dos colonos judeus, eles já trabalharam para atingir um nível mais alto de produção e vida diária. Mas isso só foi possível porque os Fellahs conseguiram vender uma parte de suas terras para a colônia judaica e, assim, puderam trabalhar a terra restante de forma mais produtiva. Os próprios escritores judeus têm de admitir que é impossível para a grande maioria dos fellahs, que não estão em circunstâncias tão favoráveis, melhorar sua economia porque não têm os fundos necessários. Os escritores judeus não falam nada sobre os fellahs que retornam repetidamente à sua terra, na qual trabalharam e viveram por séculos, da qual foram expulsos porque a colônia judaica comprou essa terra dos Effendis. Mas isso não muda o fato de que isso acontece e que os colonos judeus muitas vezes enfrentam dificuldades, que eles tentam superar dando a esses Fellahs uma compensação em dinheiro. Os comunistas agora acreditam que esses Fellahs receberam seu "direito", mas o Fellah tem outros conceitos legais. Seu "direito" consistia, há séculos, em viver e trabalhar em seu lote de terra, onde nem mesmo a transição para a posse dos Effendi havia mudado muito. E a colônia judaica apenas acrescentou à expropriação a expulsão da terra. Aqui a questão do "direito" é levantada em sua forma mais simples: As pessoas de um modo de produção antigo são deslocadas pelos representantes de um novo modo; aqui não há "direitos", mas o mais forte prevalece.

Os judeus invocam seu "direito" histórico da história antiga, que diz que a Palestina era a "terra de seus pais". Mas esse "direito" só passou a ter significado quando se tornou útil para o governo britânico após a Guerra Mundial, que o reconheceu e prometeu concretizá-lo. Somente agora os escritores judeus puderam responder à pergunta sobre a quem pertencia a terra na Palestina: "A terra pertence ao povo judeu e aos habitantes

árabes do país". À luz do dia, ambos são uma frase. Na realidade, a terra pertence aos grandes proprietários árabes, que controlam aqueles que a cultivam, ou aos judeus que têm dinheiro suficiente para comprá-la dos Effendi.

O "Manifesto Comunista" fala que o capitalismo alcançou "coisas diferentes de cruzadas e migrações"; isso é confirmado pelos eventos na Palestina e pela imigração judaica. A migração dos judeus na Palestina tem uma semelhança com ambas: é uma migração de povos e uma cruzada. É uma migração de povos causada pela pressão do capitalismo moderno. Na Alemanha, a expulsão dos judeus foi uma ação política, mas em outros países capitalistas, também, a pressão exercida sobre os judeus é cada vez mais forte. A principal razão para isso é a posição que a população judaica ocupou e ainda ocupa, em maior ou menor grau, na vida econômica dos países. Eles estavam envolvidos no comércio, embora não tenham sido admitidos nas profissões burguesas por muito tempo, e ocupavam, em todos os países, posições de destaque nas organizações socioeconômicas. No entanto, os serviços que prestavam eram necessários, pois o comércio tinha a função de conectar as áreas ainda mais ou menos independentes da vida social. Hoje, no entanto, quando essa independência dos ramos do comércio está se tornando perigosa para a existência contínua da sociedade, quando eles são unidos no estado-nação para formar um todo firmemente estabelecido, a função mediadora da seção judaica da população perde seu significado e se torna supérflua.

Mas o mesmo fato agora contribui para sua expulsão e eles se deparam com a tarefa de conquistar sua própria terra natal. Sua migração de povos agora está se tornando uma espécie de cruzada, pois eles retornam como "judeus" ao país do qual foram expulsos há vinte séculos.

Embora a religião judaica seja o vínculo imaginário que permite a emigração judaica para a Palestina, quando chegam lá, eles precisam trabalhar como fazendeiros modernos e planejadores urbanos. Lá, eles constroem uma sociedade capitalista em miniatura. Eles compram terras e, como a agricultura moderna exige grandes áreas de terra, a concentração anterior da propriedade da terra nas mãos dos Effendis é muito conveniente para eles. Assim, 90% das terras judaicas atuais são compradas dos proprietários do Latifúndio, e apenas 10% vêm dos Fellah. Quase um quarto das terras

judaicas, ou seja, 280.000 dunam (25.200 ha) foram compradas por uma família (Sursuck), outros 150.000 dunam (13.500 ha) vieram da propriedade de 13 Effendis.

Como resultado das compras de terras feitas pelos judeus, o preço da terra aumentou consideravelmente. Os proprietários de terras árabes estão, é claro, interessados nesse aumento de preço, mas apenas na medida em que atuam como vendedores, ou seja, suas terras podem ser vendidas aos imigrantes. Os Fellahs, por outro lado, na grande maioria dos casos, não obtêm nenhuma vantagem com esse aumento de preços, pois suas terras estão mais ou menos penhoradas para os Effendis. Pelo contrário, agora que o valor da terra é medido de acordo com os critérios capitalistas, o aluguel que eles têm de pagar aumenta, enquanto eles não podem aplicar métodos melhores de exploração de suas terras devido à falta de capital. Isso leva a uma maior concentração da propriedade da terra nas mãos dos Effendis. Os dados estatísticos de 1920 a 1927 confirmam esse fato. Durante esses oito anos, 750.000 dunam (67.500 ha) de terra foram vendidos por árabes, 365.000 dunam (82.850 ha) dos quais foram para as mãos de judeus, enquanto o restante, quase metade da área total, foi comprado por árabes, ou seja, Effendis. Assim, a expropriação capitalista do fazendeiro feudal excedeu os limites da colonização judaica.

Os repórteres judeus não podem e não querem revelar o que realmente está acontecendo. Eles apontam para os benefícios que a imigração traz para a população árabe. O aumento do valor do país é um de seus argumentos; mas mostramos acima que quase somente os Effendis se beneficiam disso. Mas há a possibilidade de vender produtos agrícolas aos colonos judeus, ou a oportunidade de os fellahs expulsos de suas terras encontrarem emprego nas colônias judaicas ou no desenvolvimento urbano como trabalhadores assalariados. É feita referência à melhoria e à nova construção de estradas. Em 1921, havia 460 quilômetros de estradas utilizáveis durante todo o ano e 1.000 quilômetros de estradas de verão. Em 1929, os números haviam aumentado para 750 quilômetros e 1.500 quilômetros, respectivamente. Em 1920, havia cerca de 50 carros em todo o país, em 1925 havia 1.700 e em 1933 havia 3.000 carros.

Todas essas são "vantagens" que, sem dúvida, são o resultado do desenvolvimento das forças produtivas capitalistas. Mas será que essas "vantagens" também são percebidas como tais pela população árabe? Isso é improvável. Pois a introdução de relações de

produção capitalistas sempre vem acompanhada da expropriação dos produtores imediatos de seus meios de produção. Esses últimos passam a enfrentá-los como propriedade do capital e, para se manterem vivos, precisam vender sua força de trabalho. Enquanto houver demanda por essa força de trabalho e ela for suficientemente paga, o trabalhador lucra com a "vantagem" do "progresso" e da "civilização" capitalistas.

Se esse é o caso, e em que medida, não depende, no entanto, da boa vontade dos judeus colonizados, mas é determinado pelo ciclo econômico do capitalismo como um todo, que procede de acordo com suas próprias leis de movimento. Nem mesmo o mais entusiasmado "portador de cultura" pode escapar dessas leis. Isso também chama a atenção dos comunistas e socialistas judeus que querem construir um mundo na Palestina de acordo com seus ideais. Mas a tentativa de construir comunidades comunistas em pequena escala mostra rapidamente que esses experimentos têm tão pouca viabilidade quanto as cooperativas de produção nos países do capitalismo moderno. Mesmo essas "comunidades comunistas" não têm escolha a não ser agir exatamente como a empresa capitalista deve agir. Elas devem se apropriar das condições de produção, devem comprar a terra e os meios de produção e produzir para o mercado. Dessa forma, a terra e os meios de produção funcionam como capital. O trabalho realizado neles só pode servir para tornar esse capital fértil ou lucrativo.

Nem as "comunidades comunistas" nem os agricultores indígenas, os felás, os beduínos etc. podem escapar dessa lei. Aqui se vê o outro lado do modo de produção capitalista, pois ele não é apenas aquele que funciona com meios modernos, que multiplica os rendimentos da terra e representa um avanço gigantesco em relação aos métodos atrasados dos nativos, mas também é produção de capital. Somente quando satisfaz as necessidades e os direitos do capital é que ela pode funcionar. Em outras palavras, não é mais suficiente produzir e aumentar o rendimento do trabalho; é necessário vender os produtos a preços suficientemente altos. É no mercado que se determina se a produção atende às necessidades do capital.

A produção capitalista é para o mercado e não para as necessidades pessoais. Assim, ela está sujeita a todas as flutuações do mercado, a todas as mudanças de oferta e demanda. Se houver demanda suficiente por um produto, os produtores desse produto têm a

garantia do crescimento de suas empresas e todos os que participam desse ramo desfrutam de vantagens; os capitalistas recebem seus juros, os empresários seus lucros e os trabalhadores seus salários. Mas no momento em que a demanda por um produto é reduzida, o ramo da economia que se preocupa consigo mesmo e com sua produção sofre um revés. Os juros do capital e os lucros dos empresários desaparecem, as mãos dos trabalhadores assalariados permanecem vazias. O lado sombrio do modo de produção capitalista é então revelado, cujo desenvolvimento mostra os sinais de decadência.

A jovem sociedade capitalista que surgiu das mãos da imigração judaica, como todas as outras, não podia escapar dessas leis. Especialmente porque ela estava envolvida na produção para o mercado mundial desde o início. Portanto, ela não tinha outra escolha, já que os modernos meios de produção, automóveis, tratores, máquinas, materiais de construção etc., que vinham do exterior, só podiam ser pagos com o faturamento dos produtos palestinos no mercado mundial. Entre esses produtos, as laranjas e outras frutas tropicais ocupam o lugar mais importante. A crise econômica mundial, que começou por volta de 1930, causou uma tremenda redução nas vendas desses produtos, o que deve ter tido um efeito muito perceptível no desenvolvimento da Palestina. Como resultado, o modo de produção capitalista introduzido pelos judeus no país feudal e atrasado, mesmo antes de conseguir se afirmar, trouxe seu lado sombrio, a crise capitalista. Os golpes dessa crise atingiram principalmente os economicamente fracos, especialmente a população árabe rural, que foi privada de suas terras como trabalhadores assalariados ou se adaptou, até certo ponto, à produção capitalista para o mercado. Agora, após 15 anos de colonização judaica, eles foram arrancados de suas antigas condições de vida, sem possibilidade de retorno. A terra que perderam está nas mãos das colônias judaicas; os fellahs que conseguiram se converter à produção de mercado não sabem o que fazer com os produtos de seu trabalho. É bem sabido como os árabes reagem a essa situação desesperadora; seu desespero é descarregado na forma de raiva contra a imigração judaica, que parece ser culpada por criar as condições atuais. Eles não percebem que foi apenas o modo de produção capitalista que os elevou e depois os empurrou de volta para uma miséria mais profunda do que nunca.

Para os árabes expulsos de suas terras, os judeus que chegaram ao país parecem ser a causa da miséria de hoje. Mesmo que não tivessem tido uma vida muito boa

anteriormente, eles ainda trabalhavam em suas próprias propriedades e lutavam para sobreviver. Geração após geração viveu dessa forma; desde que alguém se lembra, tudo correu tão bem quanto mal. Seus costumes estão vinculados a essa vida, sendo sua estrutura geral os ensinamentos do Islã. Eles foram arrancados de todas essas tradições em um curto espaço de tempo, o que inevitavelmente levou à resistência e à rebelião. Toda a imprensa deu uma imagem da tenacidade da resistência que os camponeses e proletários árabes estão desenvolvendo. A única coisa a ser dita aqui é que todas as ações são desesperadas. Sem esperança não apenas porque uma luta contra meios e métodos de produção mais poderosos é sempre sem esperança, mas também porque os Fellahs expulsos de suas terras não têm um objetivo *próprio*. Mesmo hoje, eles ainda estão sujeitos aos antigos governantes e servem a eles apenas como ferramentas. Os governantes precisam deles para manter a supremacia sobre os poderes invasores do capital judeu. Os Effendis, que lideram a disputa árabe, não têm intenção de devolver suas antigas propriedades aos Fellahs, assim como não podem se esforçar seriamente para desfazer a imigração judaica. Seu objetivo é colocar as mãos na terra e em seu capital, ou pelo menos controlá-la. Para isso, eles precisariam de poder político. Toda a luta gira em torno disso.

Aqui está o motivo da luta árabe pela independência, que é dirigida tanto contra o capital judeu quanto contra a Inglaterra. O fato de a Terceira Internacional, cujo ramo na Palestina é de pouca importância, também apoiar os "slogans nacionais" dos Effendis, não deveria ser surpresa para ninguém hoje, 19 anos após a Revolução de Outubro. Obviamente, eles estão agindo no interesse do Estado russo, que está lutando contra a Inglaterra na Ásia.

A organização de trabalhadores judeus na Palestina (Histadrut) está na mesma posição que os Fellahs árabes. Ela é a favor da promoção da colonização capitalista judaica e está lutando na esteira das forças capitalistas judaicas para ajudá-las a ter sucesso em sua busca pelo poder político. Somente quando o trabalhador judeu, juntamente com os fellahs que se tornaram proletários, se levantar para lutar contra os Effendis e os capitalistas judeus e esmagar vitoriosamente o atual modo de produção, haverá espaço para ambos os povos, judeus e árabes. Até lá, as antigas condições de produção e a população vinculada a elas serão destruídas. Esses não são os Effendis, mas os trabalhadores rurais árabes, Fellahs e beduínos.

Fontes

Original: aaap.be http://aaap.be/Pdf/R%C3%A4tekorrespondenz/R%C3%A4tekorrespondenz-1936-20.pdf

Transcrição: GIK, Internationale Rätekorrespondenz 1934-1937, Thomas Königshofen , Hans-Peter Jacobitz (Hrsg.), ISBN-13 : 979-8551636052

Também publicado em holandês: "De opstand van de Arabieren in Palestina", em Persdienst van Groepen van Internationale Communisten, 9e jg., no. 17, novembro de 1936, no. 1. Original: aaap.be : http://aaap.be/Pdf/Persdienst-GIC/PIC-09-1936-17.pdf